

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

**SEPHÂNIA RITA NASCIMENTO LIMA**

**O CORPO GORDO QUE DANÇA: RELATO DE  
EXPERIENCIA NA GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM  
DANÇA DA UFS**

**Aracaju  
2022**



**SEPHÂNIA RITA NASCIMENTO LIMA**

**O CORPO GORDO QUE DANÇA: RELATO DE  
EXPERIENCIA NA GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM  
DANÇA DA UFS**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz.

**Aracaju  
2023**

**O CORPO GORDO QUE DANÇA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO  
EM LICENCIATURA EM DANÇA DA UFS**

**SEPHÂNIA RITA NASCIMENTO LIMA**

Relato de experiência, apresentado como requisito  
parcial para obtenção de grau de Licenciado em Dança,  
pela Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Clécia Maria Aquino de Queiroz (Orientadora)  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Profª. Edna Maria Nascimento  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Profª. Jussara da Silva Rosa Tavares  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Dedico este trabalho a minha família que muito me apoiou e incentivou para eu conseguir realizá-lo. A mim, por conseguir vencer barreiras ao longo da minha vida, e as todas as mulheres que já dividiram o palco comigo, que colaboraram para eu me tornar esta mulher feliz com o corpo que sou hoje.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força de vontade e coragem todos os dias para eu nunca desistir do meu sonho e conseguir ir até o final. A minha mãe Rose e minha irmã Séphora por serem as minhas companheiras nessa trajetória árdua e intensa, não largaram a minha mão, sempre ao meu lado me acalmando, dando e passando segurança. Agradeço também ao meu namorado, Antonio, que sempre ouviu os meus desabafos, os choros e sempre acreditou em mim mais do que eu mesma.

Não podia deixar de fora elas, as mulheres que foram primordiais para a minha evolução e aceitação do meu corpo, minhas `Vacacões`: Ana Gabriela Machado, Arianna Santos, Alexandra Castro, Brenda Maia, Bianca Nascimento, Catiele Gonçalves, Celina Maria, Clayre Angélica, Carol Jasmin, Carol Frinhane, Daniela Nunes, Dilyane França, Elaine Oliveira, Jainara Batista, Jaciara Pereira, Livia Dantas, Letícia Oliveira, Laura Taysa, Luana Pereira, Lívía Vargens, Lívía Reis, Ray do Sol, Paloma Melo, Reijane Santos, Rohana Fonseca, Rívia Paixão, Sara Souza, Sara Sulovon, Sheila Karine, Talita Lima, Tainá Lima, Tainar Souza, Vanessa Carranza.

Clécia Queiroz, sem palavras para agradecer a esse ser de luz que aceitou ser minha orientadora, enfrentando todos os percalços, inclusive a distância, mas sempre compreendendo as minhas dificuldades.

**Figura 1:** Cena de Milágrimas, do Espetáculo Vaca Profana



## **RESUMO**

A sociedade moderna impõe modelos de beleza que visam uma padronização baseada num culto ao corpo perfeito, o qual deve ser buscado a todo custo, sendo as mulheres as mais afetadas diretamente com essa idealização estética. O presente trabalho de conclusão de curso traz o relato das minhas vivências com a dança no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe frente às dificuldades enfrentadas pelo fato de ter o corpo gordo diante do padrão estético de corpos magros esperado no universo da Dança. Neste trabalho também abordo o quanto essa experiência impactou a minha autoestima enquanto dançarina gorda e quais as estratégias que desenvolvi para permanecer no curso e reagir a essas opressões. A perspectiva metodológica que utilizei foi a narrativa de histórias de vida como base para a construção de conhecimento. Dentro disso, me apoio na Escrivivência, conceito de Conceição Evaristo, que coloca a diferença como produtora de potência de vida e considera as vozes das mulheres negras caladas historicamente e constitui a memória e a criação poética como reescritas dessas histórias obliteradas.

**Palavras-chave: Dança, corpos gordos, autoestima.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Cena de Milágrimas, do Espetáculo Vaca Profana.....	6
<b>Figura 2:</b> Apresentação do grupo As Danadas no Colégio Atheneu Sergipense. ....	15
<b>Figura 3:</b> Início da minha participação no GDP.....	17
<b>Figura 4:</b> Cena da Cozinha , Espetáculo Vacas Profanas. ....	18
<b>Figura 5:</b> Figurino das Moiras, do Espetáculo Vaca Profana, fragmento da 11ª Amostra de Dança de Salvador, sala de coro do Teatro Castro Alves .....	19
<b>Figura 6:</b> A autora com o figurino de Moira, Espetáculo Vacas Profanas.....	20
<b>Figura 7:</b> A bailarina catarinense Jussara Belchior no espetáculo Peso Bruto.....	23

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>UM CORPO GORDO EXPERIMENTANDO A DANÇA.....</b>	<b>12</b>
<b>A DANÇA E A QUEBRA DE BARREIRAS DE UM CORPO GORDO .....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

*Mode on high tech  
Modelo ocidental  
Magra, clara e alta  
Miss beleza universal  
É ditadura!  
Quanta opressão  
Não basta ser mulher  
Tem que tá dentro do padrão<sup>1</sup>*

A dança é uma das maiores experiências expressivas do ser humano. Estar num curso de licenciatura em Dança pode significar a abertura de um canal de encontro consigo mesmo e com o outro ou de uma ponte para auxiliar outros corpos a se encontrarem. Contudo, esse processo nem sempre é fácil e pode ser bastante doloroso, quando o corpo que se propõe a dançar não é considerado padrão para a profissão de dançarino. Na epígrafe acima, a letra da canção *Miss Beleza Universal*, de Bia Ferreira, que ficou famosa na voz da cantora Doralicy, fala explicitamente do padrão cobrado pela sociedade às mulheres – "magra, alta e clara" – declarando a opressão que o corpo feminino sofre para se encaixar dentro disso.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é relatar as minhas vivências no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS), relacionadas com meu corpo gordo, trazendo as sensações e processos de superação diante do padrão estético de corpos magros do (a) dançarina (o) profissional. Dentro disso, abordarei o quanto essas experiências impactaram a minha autoestima.

A perspectiva metodológica que utilizei é a narrativa de histórias de vida como base para a construção de conhecimento. Dentro disso, me apoio na Escrivivência, conceito de Conceição Evaristo, onde ela coloca a diferença como produtora de potência de vida, considera as vozes das mulheres negras caladas historicamente e traz "um questionamento à história oficial e constituindo a memória e a criação poética como reescritas dessas histórias obliteradas" (Barossi, 2017, p. 33).

A escolha por esse tema deve-se à minha própria vivência durante o Curso de Licenciatura em Dança, durante o qual enfrentei diversas dificuldades por ter um corpo gordo

---

<sup>1</sup> Trecho da canção *Miss Beleza Universal* de Bia Ferreira e Doralicye.

e, portanto, fora dos padrões estéticos esperados pela sociedade incluindo alguns dos professores do Departamento de Dança. Por considerar que a minha experiência pode vir a auxiliar na reflexão de docentes e discentes acerca da importância de aceitar a diversidade de corpos, inicio este trabalho trazendo um pouco das minhas memórias em outros espaços escolares, que agregam em si algumas situações de constrangimentos pelo fato de ser gorda.

Em realidade, as críticas, sejam elas direta ou indiretamente relacionadas ao estereótipo do corpo gordo, me acompanham desde a infância e influenciam diretamente o meu processo de relacionamento com o outro e de me enxergar em sociedade, por não me encaixar nos padrões estéticos pré-estabelecidos.

No ensino médio estudei durante três anos no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e ali tive a oportunidade de participar de um grupo de pagode organizado por alunas do colégio. Logo na primeira apresentação, por gostar muito de dançar e querer permanecer no grupo, precisei me arriscar e vencer o medo de usar uma roupa curta na frente de muitas pessoas, visto que as apresentações eram na quadra do colégio e com a participação do público interno e externo.

Devido ao meu desempenho nos ensaios, à facilidade de memorizar os passos e à criatividade para montar coreografias, ouvi de muitas pessoas que eu deveria cursar Dança. Nesses momentos, eu simplesmente sorria para elas. Contudo, em minha cabeça uma pessoa gorda não passaria no vestibular de um curso desses. Talvez fosse mais provável investir em Educação Física, onde o conjunto das aulas poderiam me ajudar a emagrecer.

Na terceira tentativa da prova do Enem, fui aprovada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Iniciei essa nova etapa da minha vida com o pensamento de que iria cursar até o terceiro período e mudar para outro curso, mais acabei me apaixonando pelo que estava vivenciando e, com o tempo, fui entendendo que eu tinha total capacidade e direito de estar ali.

Esse processo, contudo, não foi simples. Logo nos primeiros semestres tive grande dificuldade com as aulas, pelo fato da maioria delas serem práticas e do estudo de técnicas de dança ser algo desconhecido para mim. Ainda que todas as etapas de nossa vida nos tomem um certo período de adaptação, isso me exigiu muito num curto espaço de tempo, sendo doloroso, no que diz respeito ao progresso nas aulas, gerando em mim uma comparação em relação a outros alunos mais experientes. Por outro lado, havia as cobranças dos professores, troca de olhares e conversas dos colegas de sala. Então, o padrão do meu corpo era sempre a primeira

coisa que vinha em minha mente e logo pensava que o meu peso me impediria, dentre outras coisas, de executar movimentos com precisão e qualidade, como era exigido pelo curso.

Em meio a esses dilemas, o processo da graduação em Dança permitiu-me um amadurecimento em relação a minha autoestima. Foi no espaço da universidade que fui me autoconhecendo e redescobrimo minha identidade como mulher gorda e negra, graças aos compartilhamentos de conhecimento em algumas aulas,

Portanto, este trabalho surge da necessidade de relatar minhas vivências na universidade, enquanto estudante e integrante do grupo de Dança e Performance da UFS, cuja entrada era desejo da maioria dos discentes e, sobretudo, enquanto mulher gorda no exercício acadêmico e artístico da Dança.

## **UM CORPO GORDO EXPERIMENTANDO A DANÇA**

A noção de corpo nas sociedades ocidentais nunca foi algo estanque, visto que o corpo é “provisório, mutável, mutante e suscetível a interferência do contexto inserido” (GAUTÉRIO; SILVA, 2014, p.23). Os diversos biótipos foram se revezando em termos de padrões de beleza ao longo dos séculos. Mulheres gordinhas e carnudas eram considerados o padrão estético de beleza nos séculos XIV e XV. A partir da segunda metade do século XVIII até os primeiros anos do século XX, época em que os espartilhos fizeram sucesso, o corpo considerado ideal era um tanto mais magro que nos anos anteriores, a cintura era mais fina, mas ainda roliças. Entre as décadas de 1920 e 1980, os padrões de beleza foram se alternando entre corpos de seios grande e cintura fina. Físico adolescente e bem magro, pernas finas e longas; corpos mais curvilíneos e atléticos; barriga rica e quadril farto. E, nas últimas décadas, de acordo com Bittencourt (2014), a representação dos corpos vem sendo marcada por uma homogeneização e pela ideia de corpos ideais que podem e devem ser iguais.

As mídias cinematográficas, televisivas e impressas, alimentadas pela engrenagem do consumo capitalista com a venda de produtos de emagrecimento, linhas dietéticas, aplicativos e exercícios de emagrecimento, vêm difundindo essa ideia de culto ao corpo perfeito, “sarado”, o qual deve ser buscado a todo custo. Desse modo, as mulheres, ao longo do tempo, têm sido afetadas diretamente com essa idealização estética. Na seguinte reflexão feita por Schmidt, Oliveira e Galas (2005), percebemos que essa preocupação com a imagem tem crescido nos últimos anos se estende também aos homens:

Historicamente a imagem concentra-se com a beleza, a saúde (fertilidade) e juventude. Com esta percepção de beleza, a imagem atual do corpo invadiu as dimensões que estão perdendo o controle. Adolescentes, homens e mulheres insatisfeitos com o seu “eu” acabam não medindo esforços a qualquer custo pelo prazer de ter o corpo sarado. Mas na visibilidade social tornou-se modismo recorrer a intervenções cirúrgicas para resolução de seus problemas. Sem preocupação aos riscos inerentes a cirurgias plásticas. (SHMIDTT, OLIVEIRA, GALLAS, 2005, p.2)

Essa homogeneização de corpos, na dança também acompanha o imaginário de corpos sem gordura, leves e magros. Macedo (2019) questiona se realmente há representação efetiva no Brasil de pessoas gordas dentro das artes e da mídia, e se há espaço para elas nos estúdios e academias. Apesar de nos últimos anos, diversos espaços terem questionado esses padrões do corpo feminino, ainda é constante a falta de representatividade sobretudo na dança, que carrega o imaginário coletivo de que só os corpos magros que podem dançar.

Neste sentido, o autor afirma:

“(...) embora a visibilidade positiva tenha crescido ao longo dos últimos anos, algumas mulheres gordas ainda não se sentem representadas pela mídia. Sua imagem é discrepante em comparação à do homem gordo: os campos de comunicação ainda defendem a imagem feminina como fonte de objetificação e inferior ao homem”. (MACEDO, 2019, p. 21)

Essa falta de representação na mídia e a valorização do corpo magro como padrão único para atividades como a dança me perseguiu na adolescência e também na universidade e, de fato, me fazia sentir-me inadequada para utilizar roupas curtas que expusessem o corpo ou fazer determinados movimentos que exigissem uma maior mobilidade. Essa sensação gerada pelo preconceito que nós, pessoas gordas, sofremos – a gordofobia – nos estigmatiza, nos marginaliza e limita nossas possibilidades de existirmos no mundo. Contudo, eu queria muito vencer a intimidação que esse imaginário coletivo e preconceito me provocavam e que eu já experimentava desde a infância.

Galdino (2022) traz, a partir de pesquisas realizadas em escola municipais, que as aulas práticas como as de Dança e Educação Física são onde os corpos gordos são mais lidos como incapazes e por vezes constrangidos em atividades que exigem mobilidade e agilidade. Nestes casos, normalmente as vítimas se sentem culpadas, por não estarem correspondendo a um padrão esperado.

Comigo não ocorreu diferente. Foi ainda na escola que iniciei minha experiência com a dança e com ela também as situações que geraram constrangimento em expor meu corpo gordo, principalmente ao dançar.

Eu estudei o Ensino Médio no Colégio Atheneu Sergipense e lá foi onde eu tive o meu primeiro contato com a dança, apesar de sempre ter gostado de dançar em espaços familiares. Mas o fato de fazer isso em público torna a experiência nova, trazendo à tona outras questões antes não percebidas por mim, como por exemplo olhares e julgamentos sobre o meu corpo.

O Colégio Atheneu Sergipense oferecia a modalidade de ensino em tempo integral, onde além da grade curricular do ensino médio, existiam as disciplinas optativas, as quais os alunos tinham a oportunidade de participar de outros projetos no contra turno escolar. Neste sentido, também pude participar de mais um grupo de dança, dessa vez oferecido pela própria escola, chamado *Um que de Negritude*<sup>2</sup>. Este grupo, que foi criado em 2007 pela professora Clélia Ferreira Ramos, tendo como base um projeto para atender à lei 10639/03, funciona até os dias de hoje e tem como objetivo promover a cultura e a dança afro-indígena sergipana.

Para ingresso no projeto precisei passar por uma seleção, na qual obtive êxito, podendo assim participar por um tempo como dançarina. Infelizmente, pouco depois tive que me desligar do grupo por não conseguir acompanhar os ensaios que ocorriam à noite.

Apesar de ter participado do grupo apenas por um curto período de tempo, avalio que isso contribuiu para elevar a minha autoestima, no que diz respeito ao corpo enquanto mulher gorda e negra, já que o projeto incentivava a dança numa perspectiva diferente do padrão estético esperado, além de trazer, para reflexão e prática, elementos da cultura e da religião afro-brasileira. Foi ali que, pela primeira vez, tive contato com uma experiência profissional de dança, já que no projeto participavam alunos e ex-alunos, que já eram dançarinos, atores, cenógrafos e coreógrafos.

Outra experiência primordial para minha aproximação com a dança, nessa fase, foi a participação em outro grupo, chamado *As Danadas*, fundado pelos próprios alunos, para se apresentar nos eventos da escola. A minha entrada neste grupo foi também através de teste de seleção. Os ensaios ocorriam ao final das aulas e existia um horário regular para eles, que podiam se intensificar quando haviam eventos específicos.

Diferentemente do projeto interior, a proposta do grupo era para além dos muros da escola e, inclusive, incluía apresentações em teatros dentro e fora da cidade.

---

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o projeto *Um que de Negritude*, acesse o link: <https://www.umquedenegritude.com/release>

**Figura 2:** Apresentação do grupo As Danadas no Colégio Atheneu Sergipense.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O primeiro evento do grupo *As Danadas* foi em um festival de cultura dentro da escola, porém com a participação do público externo. O fato de haver um público diferente do normal me causou aflição, não necessariamente pela dança, mas sim da pela exposição do corpo, já que um short curto seria parte do figurino escolhido.

Como eu, uma mulher gorda, dançando de roupas curtas, seria vista naquele espaço? Eu estava preparada para os olhares e possíveis julgamentos? Eu não me sentia preparada para ser julgada, mas por gostar tanto de dançar eu estava disposta a enfrentar toda aquela exposição, sabendo que eu não estava sozinha nessa nova experiência, pois as outras meninas também estavam apreensivas, cada uma com seus medos. Talvez diferentemente delas, o meu medo, naquele momento, estava relacionado com o corpo gordo. Um medo de ser julgada por pessoas que eu iria ter contato todos os dias e outras que eu nem conhecia.

Já participando do grupo, no final das apresentações, a aflição de ouvir os comentários ou elogios era constante. Diferentemente das outras dançarinas, que adoravam ouvir da plateia um feedback sobre como havia sido a apresentação, eu recusava ouvi-lo, apreensiva do que iria escutar. Só desejava tirar aquela roupa e ir para casa. Contudo, considero que essa experiência foi positiva na minha trajetória, sobretudo olhando mais à frente, quando comecei a apresentar-me em espetáculos promovidos pelo curso de dança da UFS, e que comentarei na próxima sessão. Lembro-me, então, do quanto foi desafiador ter feito parte do grupo *As Danadas* e ter dançado na frente das pessoas.

## **A DANÇA E A QUEBRA DE BARREIRAS DE UM CORPO GORDO**

*Respeito muito minhas lágrimas  
Mas muito mais minha risada  
Inscrevo assim minhas palavras  
Na voz de uma mulher sagrada. <sup>3</sup>*

Como a letra de Caetano, também compreendo que a minha voz é sagrada, por que parte da experiência vivida, como as de outras mulheres que escrevem, a partir de suas vivências, suas histórias. Tendo como pressuposto o conceito de “Escrevivência” de Conceição Evaristo, pelo qual a escrita nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo, (PIMENTA; ARAÚJO; RODRIGUES; CÂMARA, 2022) vou aqui relatar as vivências que fui acumulando durante o Curso de Licenciatura em Dança, e as estratégias utilizadas para vencer os limites causados pelo fato de ser fora do padrão estético corporal imposto pela sociedade. Encontrei diversas dificuldades na trajetória acadêmica, algumas provenientes da dislexia, que se manifestava quando era requisitados em algumas disciplinas, por exemplo, produção e/ou interpretação de texto. (Atribuo a isso o fato de sempre tentar me empenhar ao máximo nas disciplinas praticas, como uma forma de compensação às demais dificuldades em sala de aula).

Diante das dificuldades de adaptação nas aulas práticas, uma das estratégias que eu desenvolvi foi chegar mais cedo nas aulas para poder me alongar e repetir os exercícios que foram dados nas aulas anteriores. Através desse método, meu corpo foi-se adaptando com as técnicas de Martha Graham, bailarina que revolucionou a Dança Moderna, responsável pelo

---

<sup>3</sup> Trecho da canção *Vaca Profana*, Caetano Veloso, (1984)

desenvolvimento de uma técnica que associava a respiração ao movimento, através da contração e relaxamento, denominado “*Contraction e release*”. Essa técnica demandava muito da musculatura, principalmente da minha, que tinha pouca experiência com a dança moderna. Aos poucos, meu corpo foi se adaptando às aulas.

Outra experiência, que se tornou uma forma de resistência, na qual me deterei aqui, foi a participação no *Grupo de Dança e Performance da UFS* (GDP). Criado em 2014, sob a coordenação do professor Marcelo Moacyr, objetivando impulsionar os estudantes do curso de Dança da UFS para uma vivência artística prática profissional na área. O grupo mantinha uma frequência de aulas e ensaios intensos e contou com a participação de professores que atuaram também como coreógrafos, a exemplo de Clécia Queiroz, Edeise Gomes e Fernando Davidovitsch, tendo participado de diversas apresentações públicas. Em 2016, participei de uma seleção para fazer parte do grupo como dançarina. Não consegui a vaga, mas me colocaram para atuar na produção do espetáculo, embora durante o processo eu não tenha sido muito requisitada para trabalhar nessa função.

No final de 2017, eu entrei efetivamente no grupo, que naquela ocasião, estava sendo coordenado e dirigido pela Profa. Ana Carolina Frinhane e, diferentemente dos trabalhos anteriores, estava formado apenas por mulheres, cujos corpos eram diversos. Através das movimentações dessa diversidade de corpos nos ensaios, o GDP montou pequenas coreografias para um grande espetáculo, o *Vaca Profana*, cujo nome faz alusão à música composta, em 1984, por Caetano Veloso, especialmente para o álbum *Profana* da cantora Gal Costa.

**Figura 3:** Início da minha participação no GDP



Fonte: Arquivo da autora

No processo de criação do *Vaca Profana*, sempre que chegávamos para os ensaios fazíamos alongamento e, logo depois, tínhamos um momento de improvisação que, às vezes, era realizada de forma livre e, em outras, através de estímulo dos cinco sentidos do corpo humano (olfato, visão, audição e tato, paladar). Esses estímulos eram dados através de incensos, imagens, músicas, alimentos, contato dos corpos. Deste modo, sempre surgia uma movimentação ou um sentimento que se encaixava em alguma parte do espetáculo.

O espetáculo *Vaca Profana* era dividido em fragmentos, onde cada componente tinha um lugar e um papel específico na composição da coreografia. Contudo devido à diversos contratempos, nem sempre todas as meninas podiam se apresentar e, então, eram feitas mudanças e adaptações para que o espetáculo pudesse entrar em cena. Deste modo, era necessário que todas as participantes soubessem todas as coreografias e todos as posições nelas.

**Figura 4:** Cena da Cozinha , Espetáculo Vacas Profanas.



Fonte: Wagner Mendonça

Em uma das apresentações do espetáculo, acompanhei o grupo para dar um suporte na produção, já que não tínhamos uma equipe específica para isso, e todas as participantes precisavam fazer de tudo um pouco. Apesar de saber que a qualquer momento poderia ser chamada para participar como dançarina em uma das apresentações, horas antes do espetáculo

começar, recebi a notícia de que iria estreiar em cena. Todas aquelas inseguranças que já mencionei em parágrafos anteriores vieram à tona, sobretudo porque agora eu teria que dançar para uma plateia que não me conhecia e que talvez não tivesse tanta empatia comigo como as minhas colegas de grupo tinham.

A insegurança maior, entretanto, era porque a minha participação seria para dançar a única coreografia que eu não sabia por completo. Eu sempre ajudei todas as meninas a repassar as coreografias, cheguei a ficar à frente de vários ensaios organizando horários e dias, mas por todas já saberem a movimentação, eu as deixava livres e focava nos momentos iniciais.

Minutos antes da referida apresentação, as demais participantes me lembraram a coreografia completa. No ato da apresentação, senti uma emoção como jamais havia sentido antes. Eu estava vestida somente com a parte de baixo da roupa e com um véu da cabeça aos pés e não me senti envergonhada!

Este trecho do espetáculo que dancei era denominado de “Moiras”, inspirado nas deusas da mitologia grega, consideradas as ‘Fiandeiras do Destino’. Elas tecem o futuro do Homem e dos deuses em um tear especial, a Roda da Fortuna, e têm o poder de determinar o destino dos mortais, tecendo os fios de suas existências. Aproveitando esse mito, o espetáculo, unia poesia, dança e emoções e tratava de questões referentes a diversos tipos de violências vivenciadas cotidianamente, compartilhadas pelas próprias estudantes-intérpretes-criadoras.

**Figura 5:** Figurino das Moiras, do Espetáculo *Vaca Profana*, fragmento apresentado na 11ª Amostra de Dança de Salvador, na Sala de Coro do Teatro Castro Alves



Fonte : Patrícia Almeida

Outro momento do espetáculo que é muito emocionante e tocante para mim, e creio que também para as minhas companheiras de palco, é a parte onde ocorrem monólogos. A cena era um momento que sempre emocionava a todos e era perceptível que várias pessoas, nas diferentes plateias que tivemos, seguravam o choro. Neste ato, falávamos os nomes de mulheres fortes e guerreiras como Dandara, Anita Garibaldi, Maria da Penha entrelaçados com os nomes das componentes do grupo. “Eu sei muito bem que eu sou linda! Maravilhosa! Muda? Para quê? Se eu sou simplesmente extraordinária!” Cada mulher do grupo tinha uma frase que expressava seu interior. Esta que citei era a minha, que se tornava música para os meus ouvidos quando eu falava, e mesmo estando com a voz embargada, os olhos cheios de lágrimas, sentia uma força dentro de mim que eu nem sei explicar.

**Figura 6:** A autora com o Figurino de Moira, Espetáculo *Vacas Profanas*.



Fonte: Arquivo Próprio

A cada processo de construção de uma nova coreografia, o grupo participava de uma espécie de laboratório, onde era proposto aos intérpretes criadores que sentissem a música, e livremente deixassem os corpos reverberar aquele sentimento. Lembro-me que, após a composição de uma das coreografias, foi realizado um laboratório onde pudemos nos abrir e expressar tudo que sentíamos naquele momento: nossa percepção durante todo o processo de criação, fosse um momento considerado bom, de frustração ou angústia com algum acontecimento, ou até mesmo com o próprio corpo. Naquele tipo de proposta do grupo nem sempre eu compartilhava minhas inseguranças, às vezes eu só observava e ouvia as colegas, e refletia que era normal ter inseguranças, cada uma com sua particularidade.

O grupo era sempre muito elogiado pelo esforço, a beleza de todas, e pelas mensagens que passava, trazendo uma reflexão sobre formas diferentes de estar no mundo daquilo que era difundido pelo senso comum. Não havia competição ou disputa, tanto no espetáculo como nas outras ações do grupo. Sempre tentava-se criar um espaço seguro de acolhimento e reflexão para as mulheres.

A força do *Vaca Profana* no Departamento de Dança foi tão grande que, aos poucos, o GDP foi se tornando sinônimo do espetáculo e as pessoas passaram a se referir ao grupo como “Vaca”. Nós fizemos quatro edições do espetáculo e a força simbólica do mesmo era tamanha que nas seleções seguintes para novos participantes, os homens não quiseram entrar por achar que o grupo somente realizaria aquele espetáculo, que era somente de mulheres.

Nos momentos em que me apresentei em papel de destaque dentro do espetáculo, recebi elogios pelas cenas e pela minha atuação. A primeira vez que recebi um deles foi emocionante, contudo foi muito difícil me colocar naquele lugar e aceitar o elogio. Isso ocorreu em outras ocasiões e, por vezes, eu cheguei a pensar se eu era digna de recebe-lo, se as pessoas estavam falando apenas por educação, se os elogios eram de fato para mim ou para todo o grupo. Depois, com o tempo, consegui avaliar que essas questões que eu me fazia estavam relacionadas com a minha baixa autoestima, o que me fazia não me sentir no direito de estar naquele local considerado de destaque, sobretudo quando os elogios partiam de pessoas envolvidas com o *Vaca* ou com o ramo das artes, da atuação. Isso me fazia questionar o porquê de as pessoas dirigirem elogios a mim uma vez que existiam outros corpos dançando.

Essa experiência intensa de trabalho com o grupo foi de uma importância muito grande para mim enquanto pessoa que vive em uma sociedade que tem valores estéticos que não respeitam as diversidades dos corpos e os seus direitos de expressão. Isso tudo me fez entender que não preciso estar me explicando para as pessoas e provando que sou capaz de dançar.

Também constatei a importância da dança enquanto instrumento de superação e de quebra de preconceitos. Através dela aprendi que a estética é algo possível de mudança e, por isso mesmo, diversas experiências de pessoas gordas ou que não enxergam, que não ouvem e mesmo não caminham estão sendo revistas e incorporadas aos meios acadêmicos e artísticos (vide figura 7 em que aparece a dançarina catarinense Jussara Belchior no seu espetáculo de resistência, *Peso Bruto*). E mais ainda, a minha própria experiência me fez entender que assim como foi possível a minha superação, a dança pode ser veículo de reflexão acerca de nossos (pre)conceitos e da necessidade do respeito ao outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessas considerações finais, quero chamar mais uma vez a atenção da dança enquanto arte que tem o corpo como instrumento de comunicação e expressão, que trabalha com a subjetivação, com aquilo que é indizível com palavras, e que, sem elas, atinge dimensões profundas da alma humana. Portanto, ela pode ser um elemento transformador de opiniões, conceitos pré-estabelecidos e valores estéticos. Nesse sentido, a minha participação no GDP me possibilitou, através da Dança, romper limites e barreiras e mexeu muito positivamente com a minha autoestima. Participar do *Vaca Profana*, dentre outras coisas, contribuiu para que eu pudesse entender como “normal” um corpo gordo dançante. A partir das experiências com o grupo foi possível não somente mostrar meu corpo dançando, como também falar sobre experiências e momentos que me causaram aflição.

Finalizando esse relato, assumo ainda que o que ambicionei neste trabalho não foi somente relatar a trajetória e experiências de uma graduanda em Dança, falando do seu corpo e das dificuldades encontradas, mas também mostrar para outras mulheres que encontraram e ainda encontram dificuldades, que é possível para pessoas gordas se expressar, se movimentar e se permitir aflorar todos os sentidos e emoções para se expressar na dança sem que sejam subjugadas, questionadas ou constrangidas.

Espero que esta minha reflexão venha, ainda que minimamente, possa vir a contribuir para que os cursos de graduação em Dança, incluindo o de Licenciatura em Dança da UFS, criem grupos e/ou outras estratégias para inclusão e acolhimento de discentes que são fora do padrão estético imposto pela sociedade.

**Figura 7:** A bailarina catarinense Jussara Belchior no espetáculo *Peso Bruto*



Fonte: Sesc Belenzinho

## REFERÊNCIAS

BAROSSO, Luana. (2017) (Po)éticas da Escrivivência. *Estudos da literatura brasileira contemporânea*, n. 51, p. 22-40. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/25559/18207>. Acesso em 15.fev. 2023.

BITTENCOURT, A. Imagens da mídia, imagens do corpo, imagens da dança: tensões na pluralidade da cena contemporânea. *Dança*, Salvador, v.3, n. 2, p.59-68, jul. /Dez. 2014.

GALDINO. C. Gordofobia nas escolas: precisamos falar sobre isso. In: *Notícias Construir*. Ano 23. Editora Construir, p. 5-6, novembro/ dezembro 2022.

GAUTÉRIO, C. R. M., SILVA, M. R, S. As diferentes vozes das mulheres do grupo Colméia: o corpo gordo feminino. *Revista Didática Sistêmica*, Rio Grande, v. 16, n. 1, p.21-33, 2014.

MACEDO, Belsiane Ramalho. *Des( cor)bertas: corpo gordo e movimento*. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2173>. Acesso em 28.fev.2023.

PIMENTA, L. ARAÚJO, L.C., RODRIGUES, M. L.; CÂMARA, Y. A Escrivivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em Olhos d'Água. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p.251-261, mai-ago. 2021 e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-2225. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40482/27139%20%20Acesso%20em:%2010%20mar.%202022>. Acesso em 06.abr.2023.

SHMIDTT, A, OLIVEIRA, C., GALLAS, J.C. O Mercado da beleza e suas consequências. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/alexandra%20shmidt%20e%20claudete%20oliveira.pdf>. Acesso em 01.mar.2023.